

Artes plásticas no ABC na década de 70

Como era de se esperar, Santo André, São Bernardo e São Caetano continuaram a liderar as manifestações de artes plásticas no Grande ABC, na década de 70, embora, nos últimos 10 anos, não tenham acontecido nestas cidades eventos excepcionais no setor. Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, refletindo suas próprias condições sócio-econômicas mais limitadas, prosseguiram com programações de menor vulto e de repercussões apenas locais.

Na década de 60 é que dois acontecimentos marcaram profundamente as artes visuais na região: a criação do Salão de Arte Contemporânea de São Caetano (1967) e do Salão de Arte Contemporânea de Santo André (1968), nas gestões dos prefeitos Walter Braido e Fioravante Zampol, respectivamente.

O prefeito de São Caetano foi sensível a um movimento de implantação da mostra liderado por Milton Andrade, Sinval Correa Soares, Jayme da Costa Patrão, Aluizio Domingos dos Santos, Albetto Aliberti e Arnaldo Ferrari, que contavam com o apoio do então diretor de Educação e Cultura do Município, Oscar Garbelotto. Zampol acolheu com simpatia e entusiasmo, através de Nair Lacerda e Miller de Paiva e Silva - duas figuras importantíssimas na concretização do projeto - ideias levantadas pelo titular desta coluna, por José Armando Pereira da Silva, Giuliana Pedrazza, Paulo Chaves, no sentido de transformar o antigo Salão de Artes Plásticas de Santo André num Salão de Arte Contemporânea. Todos os escalões da Secretaria de Educação e Cultura participaram com entusiasmo da criação deste Salão, estimulados pela inauguração iminente do Centro Cívico de Santo André, que mudava a fisionomia da cidade com suas linhas arquitetônicas de nível internacional.

Estes dois salões deram nítidos sinais de vitalidade nos últimos anos da década de 60, constituindo-se no fulcro de quase todo o movimento artístico do Grande ABC na década seguinte.

Em 72, o Salão de São Caetano atravessou sua primeira crise, não chegando a ser realizado. Conseguiu recompor-se no ano seguinte e, apesar das dificuldades enfrentadas, conseguiu chegar vivo ao fim da década.

O Salão de Santo André manteve continuidade durante nove anos, sempre com bom nível e bons catálogos. Desapareceu em 1977, sendo substituído pelo Salão Jovem de Arte Contemporânea, que visa a incentivar novos artistas (até 30 anos de idade) e pelo programa *Artes Plásticas Santo André*, que objetiva enriquecer plasticamente edifícios públicos da cidade com obras muralísticas.



Graffiti, surpresa no Salão Jovem de Sto. André

O Salão Jovem de Arte Contemporânea de Santo André, que contou com o empenho do crítico Paulo Klein, representou um estímulo aos novos valores que despontavam na região, entre os quais Ronaldo Bertaco, Antonio Carlos de Almeida Mattos, Antonio Carlos Rampazzo, Luis Antonio Boralli, Renato Brancatelli, Zhô, os dois últimos atualmente interessados no movimento de arte postal. Na inauguração do II Salão Jovem houve um *happening* que incluiu o pichamento dos painéis da exposição, fato inédito no Brasil.

O programa *Artes Plásticas Santo André*, em sua primeira versão, deveria resultar num painel para a Biblioteca Cecília Meireles, no Parque das Nações; todavia, não chegou a ser completado por problemas com o vereador do concurso, Luigi Zanotto. O segundo programa deu como resultado um mural na sala de leitura da Biblioteca Central, de autoria de Iracy Nitsche (Petroquímica).

Em Santo André registraram-se ainda alguns fatos dignos de nota como a criação de sua primeira galeria de arte, a Kris, com um bom programa de exposições, mas que não conseguiu sobreviver; a realização do mural de fachado do edifício do Diário do Grande ABC, a melhor obra muralística de Sinval; a destruição de um excelente painel num edifício da rua Monte Casseros, coberto por papel de parede; a realização de seus primeiros leilões de arte, ainda modestos, no Tênis Clube; uma mostra de pinturas de Paulo Chaves que conseguiu vender quase todos os trabalhos expostos; a realização, por João Suzuki, das capas de 12 fascículos (*Confrontações Psiquiátricas*) encomendados pela Rhodia; a reativação das atividades de um importante artista concreto - Luiz Sacilotto -, que vem mostrando sua produção recente sobretudo em São Paulo e que teve um trabalho de sua autoria como o *Destaque do Mês* de dezembro de 1979 na Pinacoteca Estadual.

São Bernardo, que tinha suas atividades centralizadas na ASBA, diversificou e atualizou seu programa de artes plásticas, chegando em 1979 a apresentar uma movimentação artística quantitativamente mais significativa que a de Santo André e São Caetano. A Secretaria de Educação, Cultura e Esportes multiplicou o número de mostras através de um sistema de exposições itinerantes que percorrem vários espaços da cidade. Estas mostras - *Rotativarte* e *Expo-Circulante Interbibliotecas* - têm a finalidade de aproximar a arte do povo e com este propósito, são realizadas no Paço Municipal, em hotéis, na sub-Prefeitura de Rudge Ramos, em clubes e bibliotecas. Além destas exposições, realiza mostras individuais no Paço Municipal, algumas de bom nível, como a de Odila Mestriner (78).

Em São Caetano, a Fundação das Artes continuou sendo o núcleo das atividades culturais da cidade. Durante quase toda a década foi dirigida por Milton Andrade, que finalmente se afastou dela para assumir a direção do Departamento de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Além de obrigar o Salão de Arte Contemporânea de São Caetano e o Salão *Arte Jovem*, a Fundação mantém um curso de artes plásticas coordenado por Vania Pereira e realiza mostras periódicas de pintura, gravura, desenho e fotografia. Durante certo tempo, abrigou o ateliê de gravação de Paulo Mentem, que funcionou como núcleo de produção e ensino; atualmente este ateliê está instalado em São Caetano. A Fundação editou regularmente de fevereiro de 75 a junho de 76, a revista *Artis*, com características gráficas modestas mas de muito bom gosto e de excelente nível editorial. Esta revista publicou vários artigos relativos a artes visuais. Seu terceiro número foi inteiramente dedicado às artes plásticas (aproximadamente 70 páginas), constituindo-se no catálogo do VIII Salão de Arte Contemporânea de São Caetano, dedicado à Gravura.

Em Mauá, continuou produzindo sem alarde um dos maiores gravadores brasileiros: Hans Grudzinski. Inteiramente dedicado a seu trabalho, Grudzinski é quase desconhecido em Mauá; todavia sua obra é de uma qualidade altíssima, de uma inventividade e um acabamento de nível internacional. Para Mauá transferiu-se Aluizio Domingos dos Santos, onde tem produzido em sua casa-ateliê (Cantinho do Aluizio) seus trabalhos de cavalete e trabalhos de decoração de rua do carnaval da cidade.



Crianças pintam no Salão Jovem de Santo André